

Caros amigos,

Nos últimos anos, através do meu trabalho para a Escola de Empresa da Fundação para a Subsidiariedade, tive ocasião de encontrar muitos de vós.. Pude conhecer muitas obras, mas sobretudo muitas pessoas a operar: com um interesse real e inteligente pelo bem das pessoas, com uma caridade que se expressa chegando ao sacrifício, com um gosto pela beleza como sinal de uma positividade presente em tudo, com uma esperança que torna até possível viver situações dramáticas com uma gratuidade surpreendente.

Os próprios colaboradores da CDO que pude encontrar e que tenho vindo a encontrar nestes dias vivem o serviço com uma enorme disponibilidade e real dedicação. Conheci assim a nossa companhia como uma realidade extraordinária – rica de uma humanidade viva, caracterizada pela criatividade e pela liberdade. E isto não é válido apenas para as obras mais conhecidas e das quais se fala publicamente, mas também para muitas pequenas obras e empresas menos conhecidas, que apenas algumas pessoas conhecem.

De facto, a CDO desenvolve-se como apoio recíproco à criação de obras que querem tornar central o bem da pessoa, reforçar a liberdade, favorecer a responsabilidade e contribuir para o bem comum. Nesta experiência que se exprime numa contínua e incansável tensão ideal está o valor social e a dignidade cultural da CDO. Quanto mais uma obra exprime o desejo autêntico da pessoa, mais se desenvolve uma relação orgânica e verificável entre o bem da pessoa, o bem da empresa e o bem comum. Neste sentido, a CDO é um testemunho de como é possível viver o trabalho de modo que, ao responder à própria necessidade, contribua para responder à necessidade de todos.

Nos próximos meses quero sobretudo compreender melhor esta nossa amizade operativa e solicitar um diálogo entre nós sobre as razões que nos sustentam no nosso trabalho e sobre as prospectivas que nos sugerem as nossas experiências, partindo dos órgãos que representam a CDO em todas as suas expressões. Não é projectar que nos salva, mas temos a responsabilidade, face a sinais evidentes que nos interpelam e nos suscitam, de encontrar modalidades sempre mais adequadas para um real sustento recíproco.

Sem querer prejudicar o resultado deste diálogo, permito-me sublinhar três pontos que me parecem particularmente importantes e que vejo em plena continuidade com as presidências do Giorgio Vittadini e do Raffaello Vignali.

A primeira preocupação diz respeito aos jovens e à sua entrada no mundo do trabalho. É necessário, antes de mais, fazer todo o possível para valorizar todas as oportunidades. Quando um jovem entra numa empresa ou numa obra tem necessidade não só de uma formação profissional contínua, mas também da oportunidade de uma educação. A emergência educativa, de facto, já não diz respeito apenas à família e à escola, mas cada vez mais também à empresa: é necessário criar as condições para que quem começa a trabalhar possa fazer a experiência do próprio trabalho como possibilidade de amadurecimento não apenas profissional, mas também humano. Devemos procurar partilhar o mais possível as experiências positivas entre nós que documentam esta possibilidade.

A segunda preocupação diz respeito à rede entre as empresas. No seio da CDO nasceram e continuam a desenvolver-se muitas relações entre empresários, diferentes entre si conforme a modalidade de associação, por finalidade, por dimensão, que reflectem toda a verdadeira natureza da associação: um lugar onde os próprios associados tomam iniciativa para trabalharem e construírem juntos. Estas agregações entre os associados são factos originais

e preciosos, que são acompanhadas, sustentadas, observadas e compreendidas para que possam tornar-se também elas património de experiência comum.

Por fim quero sublinhar a necessidade da formação seja profissional seja empresarial para as empresas e para as entidades sem fins lucrativos. É exactamente o critério ideal ao qual nos referimos que nos pede um empenho contínuo para encontrar os métodos e os instrumentos o mais adequados possível ao desenvolvimento das empresas, para dar continuidade e persistência a tudo o que nasce da nossa criatividade e do nosso engenho (da nossa capacidade inventiva).

À política pedimos e continuaremos a pedir uma tutela das iniciativas que nascem das pessoas e das várias associações e movimentos presentes na sociedade. Sugerimos a todos que sigam o princípio da subsidiariedade que favorece a aliança entre a liberdade e a responsabilidade, raiz de uma sociedade democrática não só na forma, mas sobretudo na substância. Sabemos que podemos contar com políticos sensíveis a estes temas, entre os quais o amigo Raffaello Vignali, que me precedeu na condução da CDO e a quem agradeço pelo grande trabalho realizado, sobretudo para reafirmar “a honra de fazer empresa”.

O emergir de uma operatividade reconhecível pela sua diversidade é a documentação de como a nossa amizade tem origem em qualquer coisa que a precede e a plasma a partir de dentro. Reconhecer esta origem ideal não como algo gerado historicamente, mas como algo continuamente gerado no presente, é um acto de razoabilidade. São os factos que falam. Somos nós os primeiros a sermos surpreendidos por esta novidade que emerge no meio dos nossos limites, erros e aproximações. Mas toda a riqueza humana e social que nos coloca ao nível de viver nesta dinâmica cheia de construtividade e acolhimento não pode ser dada por adquirida, pelo contrário, ela arrisca frequentemente perder-se dentro de uma laboriosidade quotidiana que se esquece das suas razões.

É preciso, portanto, uma fidelidade ao ideal e isto quer dizer uma fidelidade à nossa amizade que reflecte em si a razão que deu origem à CDO. Para que tudo possa existir e para que tudo possa contribuir para o bem de cada um. Esta é a nossa originalidade – em tudo.

Mas o que é o “bem” da pessoa? O que é o “bem comum”? O nosso trabalho, as nossas obras e a nossa companhia responderão tanto mais adequadamente a estas perguntas quanto mais souberem orientar-se para o carisma do Padre Luigi Giussani, que hoje se torna presente através do Padre Julián Carrón. Este carisma é a origem sempre nova da CDO e podemos descobri-lo na sua verdade exactamente através do nosso trabalho e da nossa amizade. E assim como a árvore que quanto mais cresce maior é a sua necessidade de raízes profundas, quanto mais crescem as nossas obras e mais cresce a própria CDO, mais nos convém afincarmo-nos a esta linfa vital – recordando-nos que os frutos são para todos. Todas as nossas actividades e as nossas tentativas serão tanto mais significativas e “atraentes” quanto mais forem expressão de uma experiência cristã que se torna possibilidade de humanidade para todos.

O Meeting deste ano terá como título “Ou Protagonistas ou ninguém”, um título que nos provoca na sua simplicidade evocativa ao sentido do nosso serviço recíproco: fazer tudo para que quem encontramos possa tornar-se protagonista: da própria vida, do próprio trabalho, da própria empresa, do bem comum. E quanto mais uma pessoa trabalha com esta intenção, mais se tornará protagonista ele próprio. Nisto está a reciprocidade da nossa companhia e uma autêntica capacidade de acolhimento e de diálogo com todos.

Estou profundamente grato por poder colaborar convosco nesta grande e apaixonante aventura humana, tão cheia de desafios, mas sobretudo tão cheia do desejo de realizar novas formas de vida através da fadiga do empenho no trabalho quotidiano.

Bernhard Scholz